

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA (UFRO)
CENTRO DE HERMENÊUTICA DO PRESENTE

PRIMEIRA VERSÃO

ANO II, Nº133 - FEVEREIRO - PORTO VELHO, 2004
VOLUME IX

ISSN 1517-5421

EDITOR
NILSON SANTOS

CONSELHO EDITORIAL

ALBERTO LINS CALDAS - História - UFRO
CLDOMIR S. DE MORAIS - Sociologia - IATTERMUND
ARTUR MORETTI - Física - UFRO
CELSO FERRAREZI - Letras - UFRO
HEINZ DIETER HEIDEMANN - Geografia - USP
JOSÉ C. SEBE BOM MEIHY - História - USP
MARIO COZZUOL - Biologia - UFRO
MIGUEL NENEVÉ - Letras - UFRO
ROMUALDO DIAS - Educação - UNICAMP
VALDEMIR MIOTELLO - Filosofia - UFSC

Os textos no mínimo 3 laudas, tamanho de folha A4, fonte Times New Roman 11, espaço 1.5, formatados em "Word for Windows" deverão ser encaminhados para e-mail:

nilson@unir.br

CAIXA POSTAL 775
CEP: 78.900-970
PORTO VELHO-RO

TIRAGEM 200 EXEMPLARES

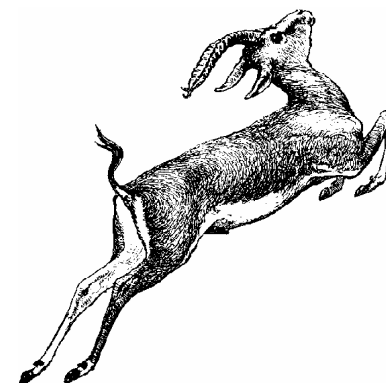
EDITORA UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA

PRIMEIRA VERSÃO

ISSN 1517-5421

lathé biosa

133



SONHO E PSICOLOGIA TEXTUAL

ELISABETE CHRISTOFOLETTI



Das muitas maneiras de trabalharmos com sonhos, a relatada a seguir foi vivenciada por um grupo de sonhos via e-mail, posteriormente um dos sonhadores colocou à disposição o processo efetuado com seu sonho para a realização de um outro trabalho com Psicologia Textual.

O trabalho inicial, realizado em grupo pela internet, contou com vários sonhadores. No começo do processo, cada um dos participantes apresentou concomitantemente seus respectivos sonhos textualizados. O analista, coordenador do grupo, solicitou que este escolhesse dentre os sonhos apresentados o que mais chamou a atenção. Analisadas as escolhas e argumentações o analista propôs o primeiro sonho a ser trabalhado pelo grupo.

Um a um todos foram trabalhados, em seqüência proposta pelo analista a partir dos argumentos iniciais, até que todos os sonhadores tiveram seus sonhos passados por esse processo no grupo. O sonho aqui apresentado é fruto deste ritual.

Posteriormente, este sonhador colocou o conjunto de e-mails referentes ao sonho narrado, aos esclarecimentos, aos questionamentos e às contribuições dos outros sonhadores em relação a seu sonho para ser possível a realização deste trabalho de Psicologia Textual.

Buscando elucidar o processo de Psicologia Textual será exposto este sonho como fora narrado pela primeira vez e depois serão apresentadas várias versões somente do seu início (dois ou três primeiros parágrafos) com a finalidade de visualizar a construção do processo de Psicologia Textual com as variações e inserções de cada momento, possibilitando compreender esta metodologia de trabalho.

Este grupo de sonhos tem um movimento com ritmo e temporalidade próprio, assim como um ritual de trabalho, criado em função de sua característica principal: um grupo de trabalho via e-mail, onde cada sonhador dentro do tempo dedicado a ele, sem ser identificado (no sentido de explicações pessoas como origem, atividade profissional) se expunha da maneira que desejasse, podendo após fazer sua narrativa (nos e-mail's), fazer nova leitura, mantendo ou alterando-a antes de enviar para o grupo de sonhos. A narrativa do sonho, dos esclarecimentos, do re-sonhado ou mesmo da discussão a respeito do sonho realizou-se sempre como intervenção escrita, o que de certa forma facilitou o trabalho e a leitura sob a ótica da Psicologia Textual.

Definida a escolha do sonho a ser trabalhado, seu relato constitui-se como primeira narrativa do sonho para o grupo: a primeira versão do trabalho.

Durante o processo de Psicologia Textual, respeitamos o ritmo de constituição do trabalho com este sonho. A princípio, cada etapa do grupo de sonhos por e-mail passa a ser nominado de versão. A cada nova versão conteúdos são acrescentados, trabalhados dentro do texto para que tenhamos uma unidade, narrativa dentre tantas que o sujeito apresenta em seu cotidiano.

Quando temos essa unidade, a textualização da narrativa a partir do sonho narrado, é devolvida ao sonhador para que leia e faça suas intervenções, seja no acréscimo de outros conteúdos, seja retirando, excluindo o que não tenha ficado claro ou que não gostaria que constasse naquela sua narrativa.

Retornamos novamente com o texto, que após lapidação em relação à escrita, guarda ainda a tarefa de buscar elucidações de conteúdos ali expostos ou de promover abertura para que outros conteúdos possam fluir, chegando a sua versão final em relação a esta narrativa.

Buscando melhor esclarecer a respeito do processo de Psicologia Textual, segue o sonho como foi narrado pela primeira vez, que corresponde à **primeira versão**.

"Estou na floresta, é noite. Há silêncio na mata, como se pudesse sentir o caminhar por ela.

Sinto que tem algumas pessoas próximas de mim. São todos conhecidos, homens e mulheres, mas enxergo o rosto de umas duas mulheres somente.

Aqui começo a ficar confusa com o sonho, me sinto agoniada, existe uma criança de colo que é de uma dessas mulheres. Olho para as duas e tenho uma sensação de indiferença.

Alguém chega e diz que vou ter uma criança ou que uma criança que está chegando é minha. Tenho a sensação de que estão colocando uma criança em meu colo. É um menino, com os traços físicos que poderia dizer que era meu. Esta criança não é minha, esta pessoa em torno e depois outras começam a pressionar-me dizendo que não, que é sim, ou que terei um filho. Este é o momento de maior angústia, porque não consigo fazer as pessoas pararem de falar e de pressionar-me. A tensão aumenta muito, até que grito: Não é meu, porque não quero e não posso ter filhos! No mesmo instante, num movimento de braços para o alto, é como se jogasse a criança para cima que desaparece, como se desaparecesse no infinito.

O silêncio retorna, continuo na floresta, há luz, embora acordo assustada e ao mesmo tempo tranqüila, aliviada pelo grito."

Daqui em diante trabalharemos somente com os três primeiros parágrafos do sonho para melhor exemplificação da metodologia.

"Estou na floresta, é noite. Há silêncio na mata, como se pudesse sentir o caminhar por ela.

Sinto que tem algumas pessoas próximas de mim. São todos conhecidos, homens e mulheres, mas enxergo o rosto de umas duas mulheres somente.

Aqui começo a ficar confusa com o sonho, me sinto agoniada, existe um criança de colo que é de uma dessas mulheres. Olho para as duas e tenho uma sensação de indiferença."

Apresentado o sonho, os participantes (também sonhadores), iniciam uma série de perguntas na busca de clareza em relação à narrativa, a "história contada".

Esta é a constituição da **segunda versão** do sonho, quando a narrativa recebe as solicitações de esclarecimentos e as perguntas respondidas.

"1. Qual a idade das pessoas e quem são?

As pessoas que consigo identificar o rosto são amigos. A idade varia entre 27 e 40 anos.

2. Este lugar, esta floresta lhe é familiar, te lembra algum lugar conhecido?

É floresta, fechada, única e um pouco escura.

3. Aparece nesta floresta mais alguma coisa além da mata e das pessoas?

Não.

4. Estas pessoas estão próximas de você? Como você percebe que elas se aproximam? Fizeram barulho?

Sim, estão próximas, e aparecem juntas com a imagem, a cena na floresta. Não percebi nenhum barulho.

5. Qual foi a reação de quem foi olhado com indiferença? Não entendi se "as duas" que foram olhadas com indiferença foram às mulheres ou a mulher e a criança...

Parece-me que nenhuma. As duas eram olhadas com indiferença, mas em especial a criança.”

As respostas e esclarecimentos, agora são inseridas no novo texto do sonho.

Constituímos aqui nossa **terceira versão**, onde temos as respostas inseridas.

"Estou na floresta, fechada, úmida e um pouco escura é noite. Há silêncio na mata, como se pudesse sentir o caminhar por ela.

Sinto que tem algumas pessoas próximas de mim. São todos conhecidos, amigos, homens e mulheres, todos adultos, variando a idade entre vinte e sete e quarenta anos, mas enxergo o rosto de umas duas mulheres somente.

Não percebo mais nada na floresta além dela mesma e das pessoas. Uma dessas mulheres estava grávida, a barriga bastante grande. Creio que seja engravidar "de barriga" e ter uma criança.

As pessoas estão próximas de mim, e aparecem juntas com a imagem, não sei se há aproximação ou barulho na cena na floresta.

Aqui começo a ficar confusa com o sonho, me sinto agoniada, existe um criança de colo que é de uma dessas mulheres. Olho para as duas e tenho uma sensação de indiferença.”

Na terceira etapa, cada sonhador re-sonha o sonho em discussão.

O re-sonhar dos outros membros do grupo, foi analisado pela sonhadora, podendo ou não ser incorporado. O que entendia que poderia ser seu também foi assimilado e negando ou ignorando o conteúdo com o qual não se identificava. Não necessariamente os sonhos se misturam às intervenções. Neste momento é feita a adequação e seleção do que pode compor a narrativa.

O relato do outro pode ter trazido percepções que não se havia sentido, mesmo que falasse referindo-se a algo específico da vida de quem re-sonhou, podendo-se fazer inúmeras leituras das mesmas informações.

Constituímos a **quarta versão**, com o que foi re-sonhado pelos membros do grupo. Ao final da narrativa feita pelo sonhador, acrescentou-se o que foi re-sonhado pelos outros membros do grupo de sonhos. O sonhador (neste momento) "principal", fala a respeito de seu sonho e do que foi re-sonhado a partir dele. O que sentiu a cada pergunta, a cada re-sonhar, e como absorveu as provocações. Este é o primeiro momento em que o sonhador fala, se posiciona de forma direta ao grupo.

Com isso temos a **quinta versão**, que é sonho, perguntas com respostas, re-sonhos dos outros membros do grupo já inseridas no texto do sonho e os comentários. Aqui se encerra o trabalho com esse sonhador, no grupo de sonhos on-line.

Para a Psicologia Textual, entramos na **sexta versão**. Depois da narrativa do sonho abrimos espaço no texto para a inclusão do re-sonhado e as discussões em relação ao sonho trabalhado e que diz respeito ao sonhador, gerando um único texto.

Retornemos ao nosso exemplo dos três primeiros parágrafos desta sexta versão:

"Estou na floresta é amazônica, fechada, úmida e um pouco escura, única, é noite. Há silêncio na mata, como se pudesse sentir o caminhar por ela.

Sinto que tem algumas pessoas próximas de mim. São todos conhecidos, amigos, homens e mulheres, todos adultos, variando a idade entre vinte e sete e quarenta anos, mas enxergo o rosto de umas duas mulheres somente.

Não percebo mais nada na floresta além dela mesma e das pessoas. Uma dessas mulheres estava grávida, a barriga bastante grande. Creio que seja engravidar "de barriga" e ter uma criança.

As pessoas estão próximas de mim, e aparecem juntas com a imagem, não sei se há aproximação ou barulho na cena na floresta.

Aqui começo a ficar confusa com o sonho, me sinto agoniada, existe um criança de colo que é de uma dessas mulheres. Olho para as duas e tenho uma sensação de indiferença."

Com a **Sétima e Oitava versões**. a narrativa do sonho recebe nova composição, novo tratamento. O texto vai sendo trabalhado literariamente.

Sétima Versão:

"Estou na floresta é amazônica, é fechada, é úmida, é pouco escura, é única, é noite. A floresta silencia, sinto o caminhar por ela, também sinto algumas pessoas próximas de mim. São todos conhecidos, amigos, dentre eles homens e mulheres, adultos com a idade variando entre vinte e sete e quarenta anos, mas enxergo somente o rosto de umas duas mulheres.

Não percebo mais nada na floresta além dela mesma e das pessoas. Uma dessas mulheres estava grávida (de barriga), a barriga bastante grande, iria ter uma criança.

As pessoas estão próximas de mim, e aparecem juntas com a imagem, não sei quando se aproximam de mim e se para isso fizeram barulho. Começo a ficar confusa com meu sonho, me sinto agoniada, existe um criança de colo que é de uma dessas mulheres. Olho para as duas e tenho uma sensação de indiferença, as mulheres olhadas com indiferença parecem não demonstrarem nenhum tipo de sentimento, mas o olhar de indiferença mais pesado era para a criança, não representava nada."

Oitava Versão:

"Um dia desses tive um sonho ...

Estou na floresta é amazônica, é fechada, é úmida, é pouco escura, é única, e é noite. A floresta silencia, sinto o caminhar por ela, também sinto algumas pessoas próximas de mim. São todos conhecidos, amigos, dentre eles homens e mulheres, adultos com a idade variando entre vinte e sete e quarenta anos, mas enxergo somente o rosto de umas duas mulheres.

Não percebo mais nada na floresta além dela mesma e das pessoas. Uma dessas mulheres estava grávida (de barriga), a barriga bastante grande, iria ter uma criança.

As pessoas estão próximas de mim, aparecem juntas com a imagem, não sei quando e como se aproximam de mim, não ouvi barulho. Começo a ficar confusa com meu sonho, me sinto agoniada, existe um criança de colo que é de uma dessas mulheres. Olho para as duas e tenho uma sensação de indiferença, as mulheres olhadas com indiferença parecem não demonstrarem nenhum tipo de sentimento, mas o olhar de indiferença mais pesado era para a criança, não representava nada. Estou surpresa com meu sentimento."

Nona versão. Novamente o texto é trabalhado.

"Um dia desses tive um sonho ...

Estou na floresta é amazônica, é fechada, é úmida, é pouco escura, é única e é noite. A floresta silencia. Sinto o caminhar por ela. Também sinto algumas pessoas próximas de mim. São todos conhecidos, amigos, dentre eles homens e mulheres adultas com a idade variando entre vinte e sete e quarenta anos, mas enxergo somente o rosto de umas duas mulheres.

Não percebo mais nada na floresta além dela mesma e das pessoas. Uma dessas mulheres estava grávida (de barriga), a barriga bastante grande, iria ter uma criança.

As pessoas estão próximas de mim, aparecem juntas com a imagem, não sei quando e como se aproximam de mim, não ouvi barulho. Começo a ficar confusa com meu sonho, me sinto agoniada. Existe uma criança de colo que é de uma dessas mulheres. Olho para as duas e tenho uma sensação de indiferença. As mulheres olhadas com indiferença parecem não demonstrarem nenhum tipo de sentimento, mas o olhar de indiferença mais pesado era para a criança, não representava nada. Estou surpresa com meu sentimento.”

Décima versão. Chegamos a uma narrativa que já pode ser lida pelo sonhador.

Aqui o texto retorna ao sonhador. Em posse de sua narrativa, o sonhador lê o texto, com o gravador ligado, faz alterações de conteúdos que não ficaram muito claros ou de conteúdos que não gostaria que permanecesse além de inserir conteúdos novos, principalmente com a reflexão do sonho, momento em que o sonhador reage às provocações deste.

"Um dia desses tive um sonho ...

Estou na floresta é fechada, é úmida, é escura, é única, é de noite. A floresta silencia. Caminho por ela, não estou sozinha. Estão comigo conhecidos, amigos, homens e mulheres entre vinte e sete e quarenta anos, mas enxergo somente o rosto de umas duas mulheres.

Não percebo mais nada na floresta além dela mesma e das pessoas. Uma dessas mulheres estava grávida com a barriga bastante grande.

As pessoas estão próximas a mim, aparecem juntas com a imagem, não sei quando e como se aproximam, não ouvi barulho. Começo a ficar confusa, me sinto agoniada, existe um criança de colo que é de uma dessas mulheres. Olho para as duas e tenho uma sensação de indiferença. Não demonstro nenhum tipo de sentimento. O olhar de indiferença maior era para a criança que não representava nada. Fico surpresa com meu sentimento, mas não assustada.”

Décima primeira versão. Transcritas as observações, elas são inseridas.

Na leitura do próprio sonho, com a incorporação dos questionamentos ou provocações do restante do grupo, o sonhador traz o conteúdo suscitado pelo diálogo estabelecido, buscando em lembranças, sentimentos, angústias, a sua individuação.

Décima segunda versão. O texto volta a ser trabalhado, a narrativa altera-se, mantém-se o tempo todo com grande movimento, como é a psique, como é o cotidiano.

O texto continua sendo trabalhado, até que fique finalizado na **décima terceira versão.** Narrativa apresentada neste trabalho.

Realizar o trabalho de Psicologia Textual com um sonho e um sonho trabalhado on-line e em grupo significava um desafio, primeiro porque estamos convivendo com uma nova formatação de relações, relação terapêutica/analítica, onde o contato não é físico, onde as possibilidades de ficcionalidade são muito maiores, onde não podemos ter a mínima segurança de que a pessoa que esteve sentada em frente ao computador no e-mail de ontem é a mesma do e-mail de hoje, lidamos com uma ficcionalidade relativamente nova dentro dos conceitos terapêuticos/analíticos, provocando também de forma diferenciada as fantasias que pode fazer o terapeuta/analista.

A textualização favorece compreender a narrativa, tomá-la nas mãos. Quando falamos, nos prendemos em nosso discurso, entramos em seu centro e dele não saímos com facilidade.

O sonho vai se transformando, é mutante, tem movimento, mostra as caras do personagem, uma de suas facetas, um de seus papéis.

Tantas são as leituras que poderíamos fazer desse sonho, inclusive de que o sonho retrata o feminino. Existem padrões de formatação e quando buscamos rompê-los, sofremos, pois foi quebrada uma formatação que garante a mulher a possibilidade da maternidade, além do papel social desenvolvido, contamos com a Grande Mãe que sempre nos rodeia.

Também é essa uma leitura. A possibilidade do mesmo sonho apresentar inúmeros significados (onde cada membro do grupo pode re-sonhar a partir do sonho do outro) é possível pela ausência de uma universalidade.

Quando o sonhador faz a escolha da narrativa do sonho que deseja apresentar no e-mail, e posteriormente quando escolhe a narrativa que faz enquanto reflexão de seu sonho, elas correspondem à escolha de vida que faz. A cada pergunta respondida, a cada questionamento incorporado, a singularidade clarificada é fortalecida no processo textual, até que possamos identificar a superação do texto/narrativa, a superação do sonho e das inquietações que apresenta, já que nem sempre o que apresentamos são necessariamente conflitos ou problemas.

O texto resultante, apresentado e discutido com o sonhador, é agora exposto em sua totalidade, sendo iniciado com um poema, fruto da contribuição do grupo de sonhos, quando do re-sonhar.

"Tive um sonho ...

Estou na floresta é fechada, é úmida, é escura, é única, é de noite. A floresta silencia. Caminho por ela, não estou sozinha. Estão comigo conhecidos, amigos, homens e mulheres que tem entre vinte e sete e quarenta anos, mas enxergo somente o rosto de duas mulheres.

Não percebo mais nada na floresta além dela e das pessoas. Uma dessas mulheres estava grávida com a barriga bastante grande.

As pessoas estão próximas a mim, aparecem juntas com a imagem, não sei quando e como se aproximam, não ouvi barulho. Começo a ficar confusa, me sinto agoniada, existe uma criança de colo que é de uma dessas mulheres. Olho para as duas e tenho uma sensação de indiferença. Não demonstro nenhum tipo de sentimento. O olhar de indiferença maior era para a criança que não representava nada. Fico surpresa com meu sentimento, mas não assustada.

Alguém chega e diz que vou ter uma criança ou que uma criança que está chegando é minha. Tenho a sensação de que a estão colocando em meus braços: um menino, fisicamente é muito parecido comigo quando era pequena. Tem uns quatro meses, os olhos de meu marido, lembro-me de uma foto minha. É uma criança linda e sorridente. Não sinto nenhuma ligação com essa criança, não quero nada que me segure, estou querendo mais é continuar caminhando, encontrando as pessoas, realizando meus sonhos, mas de repente todos estão ao meu redor, dizendo que está chegando uma criança, um filho para mim. Não quero, sei que não está vindo, não quero um filho, mas eles insistem.

Quem vem falar comigo é uma das mulheres. A criança que me é dada não é a mesma que está no colo da mulher. Não consigo continuar caminhando, fico desesperada. Olho a criança e ela se parece comigo, mas não pode ser meu filho, não engravidei, estão me enganando, estão doidos e querendo me confundir.

Esta criança não é minha, primeiro uma pessoa, depois outra, todas me pressionando dizendo que o filho é meu, e que se não quiser este terei outro mas terei.

Este é o momento de maior angústia, porque não consigo fazer as pessoas pararem de falar e de me pressionar. Não quero filhos, estou agoniada, não me ouvem, não me respeitam. Falo e não ouvem, fazem pressão para que tenha algum filho. A tensão aumenta muito, até que grito um grande e sonoro:

- *NÃO!! Não é meu. Não quero!*

Este grito trouxe a sensação de que librei-me delas todas, como se levassem um susto e me deixassem em paz, como se tudo desaparecesse.

No mesmo instante, num movimento de braços para o alto joga a criança para cima que desaparece, como se sumisse no infinito. Como que devolvendo-a para o lugar de onde veio. Será que para Deus? Ela mergulha na negritude do céu e desaparece juntamente com todas as pessoas e toda minha angústia.

Não há incômodo ou aflição por ter jogado a criança e ela não ter voltado.

O silêncio retorna, continuo a andar tranqüilamente na floresta, há luz do sol embora não saiba se é dia ou noite, mas tudo fica claro. Acordo assustada e ao mesmo tempo tranqüila, aliviada pelo grito.

É o silêncio seguido da sensação de tarefa cumprida. Um silêncio bom.

Depois que acordei comecei a pensar que embora não tenha ficado com o filho, remeto-me a lembranças de encontros que já tive com crianças, meus filhos, porque não? Que jamais se pareceriam comigo, mas ter encontrado com cada um desses "filhos" revelou-me coisas que eu não sabia, até mesmo em certa e distante ocasião, o desejo meu, nada secreto de ter filhos.

Estes filhos possibilitaram-me aprender, crescer. Embora não tivessem nada meu, e eu nada deles, pude com o passar dos anos também encontrar-me neles, nos sorrisos, lágrimas, alegrias. Quantos sorrisos disfarçados por não dar o braço a torcer e sua prepotência quando pensa que sabe coisas que eu não sei, e eu? Penso que sei coisas que ele não sabe (assim como eu quando criança).

Mas, quando penso no filho que poderia ter tido, penso em seu abraço, em nossas brigas e o quanto poderíamos falar de abobrinhas daquelas que só se fala em família, com quem se confia! Acho que cada vez mais nos parecemos, um com o outro, e seríamos tão diferentes. Ele me teria e eu a ele, estaria em mim a partir de minhas lembranças, deixando-me embevecida de suas lembranças, cheiro, sorriso e bicos de braveza. Mas ele não virá.

A família, ah, essa sim já cobrou filhos, mas as prioridades são outras. Fico tranqüila em ter atirado a criança para cima, não me sinto culpada por não aceitá-la.

Pensando em filhos lembro-me da descoberta da sexualidade, quando imaginava como os bebês eram feitos, gravidez, barriga. Porém tudo passou, até mesmo quando pensava que se tivesse um filho precisaria dos avós para que fizessem coisas que somente eles sabem fazer.

Houve um tempo em que me incomodei com a postura das pessoas, pressão, quanta pressão senti, por tantas outras escolhas ...

A sensação de pressão por quase todas as escolhas que fiz, por ser quem queria ser e do jeito que queria, pelo sonho, pelo grito de liberdade, o grito do nascimento, da independência, e a certeza de que estava certa.

Aprendi a conviver com o olhar de indiferença das pessoas. Já foi difícil suportar esse vazio do olhar, necessitei acolhimento aprovação ou aceitação. Todo bebê para se sentir aceito e reconhecer sua identidade busca no olhar da mãe a condição de vir a ser. Aprendi a buscar dentro a condição de vir a ser.

Pensando em meu sonho, gostei muito do grito. Um grito de nascimento. Pensei: É isso aí!

Librei-me, consegui adentrar em meu caminho. O filho está em mim, é preciso coragem para deixá-lo fluir, dedicar-me mais a ele, esse é o destino que faço e posso fazê-lo. Sinto-me tranqüila.

Minhas escolhas exigem exposição e ousadia. Não tenho medo, sei o que quero.

Achei interessante essa sacada de que uma delas estava grávida e manteve indiferença e distanciamento. Acho que dei um passo adiante com esse sonho. Essas imagens trazem símbolos fortes e talvez não seja muito fácil expressar as reações que essas imagens provocaram e talvez por isso pinte um pouco de silêncio aqui, o Silêncio da noite, das coisas e sons que não compreendo muito bem ...

Por um lado o tema da criança que chega é bastante alvissareiro, promissor, pleno de futuridade, idade futura, anunciação, renovação, começos e esperanças. A imagem final por outro lado, poderia parecer quase absurda pelo tom de recusa, uma recusa veemente, que traz alívio, devolvendo esse filho para a noite, para os céus ou para Deus. Que reações/reverberações essa cena evocam? Seria uma loucura? Pecado? Atentado? Negação da maternidade? São reações possíveis do ponto de vista da consciência e da moral. Carrego também uma moral.

Mas, não sinto nada disso no sonho, não aparece culpa, nem amoral. A criança é devolvida para o infinito de onde deve ter vindo. Uma criança arquetípica e como tal contém muitos outros aspectos além daqueles mais obviamente positivos. Por exemplo, também faz parte da Criança o Choro e o Abandono. Abandono que está presente nas crianças recusadas, abortadas, sem casa, sem família. Édipo foi abandonado, Moisés foi abandonado, os heróis são abandonados ...

Meu sonho fala ousadamente de uma escolha, uma escolha difícil, tão difícil como uma Escolha de Sofia. Uma escolha de vida, uma opção da Alma, um caminho e uma forma, portanto, recusar também implica escolher.

Vem à lembrança esse trecho de uma das canções do Caetano ...

"Ah! bruta flor do querer ... ah! bruta flor ... bruta flor..."

O querer e o estares sempre afim

Do que em mim é de mim tão desigual

Faz-me querer-te bem ... querer-te mal

Bem a ti ... mal ao querer assim

Infinitivamente pessoal

O querendo querer-te sem ter fim

E querendo-te aprender o total

Do querer que há e do que não há em mim."

Meu sonho me remete a minhas dualidades, contradições, desejos ... "Oh pedaço de mim ... pedaço apartado de mim ..."

Jung em um seminário, o das visões, relata que a protagonista aproxima-se do povoado que fica na base de um vulcão prestes a entrar em erupção. O clima no povoado é de apreensão e Jung interpreta que aquele momento de apreensão que antecede a ruptura uma ruptura com a ordem comum para o surgimento do individual, alertando-nos para os momentos que podem anteceder nossas rupturas.

Também lembrei-me da volta do filho pródigo do André Gide, em que o filho pródigo após ter voltado ao lar, aconselha seu irmão mais novo que mostra sinais de que também pretende se lançar ao mundo, quando ele diz:

- Então irmão, você está pretendendo sair pelo mundo, ficar dias sem comer, dormindo ao relento, ficando à mercê da natureza e dos ladrões ao invés de desfrutar aqui o amor da sua família, a riqueza e o conforto que nossos pais nos proporcionam?

E quando o irmão diz que sim, ele retruca:

- Então irmão, ouça o conselho de seu irmão mais velho, que já passou por tudo isso:

- Vá! Mas não volte!

Bibliografia

CALDAS, Alberto Lins. Psicologia Textual: Entre a Psicologia e a História Oral. **Caderno de Criação**, ano V, nº 16, junho. Porto Velho, 1998.

CHRISTOFOLETTI, Elisabete. Psicologia Textual: Uma Proposta Metodológica. **Caderno de Criação**, ano VII, n 21, março. Porto Velho, 2000

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. História e Memória ou Simplesmente História Oral? **Anais do Encontro de História e Documentação Oral**. Brasília, UnB, 1993.

SANTOS, Nilson. **Singularidade e Diálogo**, in Presença n 9, ano 9, 1997.

VITRINE

DIVULGUE:

PRIMEIRA VERSÃO
NA INTERNET

<http://www.unir.br/~primeira/index.html>

Consulte o site e leia os artigos publicados

*Meu coração está gelado
e há um pedaço
que não consigo guardar
nem comer.
Exposto, parece uma rosa
ou parte qualquer
de coisa que não tivesse serventia
Só parte de mim está aqui,
a outra dorme e treme
num sono sem pesadelos
Me gasto todas as noites e dias
e minha cara no espelho
reflete canhões
O que nos aguarda?
O que quer dizer tanto mar?
O que se murmura por trás das imagens?*

CARLOS MOREIRA